

Juventude perdida

Mais da metade das mortes de jovens no país são decorrentes de homicídios, segundo o Atlas da Violência. Existem soluções para minimizar o problema, mas é necessário mais empenho

Um dos aspectos mais perversos do fenômeno da mortalidade violenta no Brasil é seu impacto sobre jovens na faixa entre 15 e 29 anos. Em 2018, eles foram 30.873 indivíduos, ou 53,3% do total de 57.956 vítimas de homicídios registradas pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS). A frieza dos números não traduz a tragédia do que é abrimos mão como sociedade de indivíduos em plena capacidade produtiva, muitos em período de formação educacional, prontos para iniciar uma trajetória profissional e mesmo construir – quando já não - uma rede familiar própria. Indivíduos que poderiam contribuir com o desenvolvimento do Brasil em um momento crítico de nossa história e que agora não terão essa oportunidade.

Os dados vieram à tona na semana passada por meio do *Atlas da Violência*, um documento elaborado por pesquisadores do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O estudo constatou que os homicídios são a principal causa de mortalidade de jovens entre todas as outras ocorrências de mortes registradas para a faixa dos 15 aos 29 anos. A situação ainda é melhor do que no ano anterior, pois apenas três estados apresentaram elevação na taxa de homicídios dos jovens na comparação com o ano anterior. Porém, ao olhar para um período mais longo de tempo, entre 2008 e 2018, o crescimento foi de 13,3% na taxa de jovens mortos, passando de uma taxa de 53,3 homicídios a cada 100 mil jovens para 60,4.

As notícias, no entanto, poderiam ser piores. No ano em que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) comemora 30 anos, o *Atlas* também traz alguns dados que reafirmam a importância da legislação ao frear o avanço da violência letal entre esse grupo populacional. Segundo os dados apresentados, a escalada dos assassinatos perdeu intensidade com a introdução do ECA: se entre 1980 e 1991 a taxa de homicídios entre crianças e adolescentes cresceu em média 7,8% ao ano, entre 1991 e 2018 o crescimento médio anual caiu para 3,1%.

Os dados do *Atlas da Violência* também reforçam a desigualdade racial existente no Brasil e como elas se traduzem nos números da violência. Enquanto os jovens e as mulheres negras figuram como as principais vítimas de homicídios do país, entre os brancos os índices de mortalidade são muito menores quando comparados aos primeiros e, em muitos casos, apresentam redução. Apenas em 2018, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídio por 100 mil habitantes de 37,8. Entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9 assassinatos, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos.

Ao analisarmos os dados da última década, vemos que as desigualdades raciais se aprofundaram ainda mais, com uma grande disparidade de violência experimentada por negros e não negros. Entre 2008 e 2018, as taxas de homicídio apresentaram um aumento de 11,5% para os negros, enquanto para os não negros houve uma diminuição de 12,9%.

Outro dado que chama muito a atenção é o número de pessoas assassinadas com armas de fogo. Do total das vítimas em 2018, 41.179 pessoas foram mortas por arma de fogo no país, o que corresponde a 71,1% de todos os homicídios do país. Em meio a esse cenário, chama a atenção o fato de os estados com maiores taxas de homicídio por arma de fogo em 2018 terem sido exatamente aqueles que apresentaram as mais altas proporções de homicídios por arma de fogo, em relação ao total de homicídios. Essa edição do *Fonte Segura* traz uma análise mais aprofundada da conjuntura da violência no país, assinada por Daniel Cerqueira, um dos coordenadores do *Atlas da Violência*.

Diante desses números, é necessário reforçar a importância do desenvolvimento de políticas públicas voltadas à prevenção da violência, que hoje já encontram soluções e ferramentas de boa governança e inteligência em experiências no Brasil e no Exterior. Além disso, precisamos retomar a implementação do Sistema Único de Segurança Pública, uma conquista da sociedade discutida por anos e que foi abandonada desde o início de 2019. Há caminhos para que possamos minimizar esses números vergonhosos da violência urbana no Brasil. Mas é fundamental que isso seja feito o quanto antes para que mais vidas sejam poupadas.

